

Elucidar o imaginário para uma apropriação dos mundos tecnológicos contemporâneos¹

Susana Morales²
Graciela Natansohn³
Universidade Federal da Bahia

RESUMO

Neste artigo propomos abordar a noção de imaginário e suas articulações com as tecnologias digitais. Consideramos que a concetualização dos imaginários sociais de Cornelius Castoriadis é a mais relevante para caracterizar esta relação. Em particular, interessa-nos analisar os aspectos ligados ao software e aos algoritmos informáticos enquanto produtores de significados, no quadro da existência de um imaginário central do capitalismo contemporâneo: as tecnologias digitais. A nossa preocupação assenta na convicção de que a apropriação destas tecnologias, tão preponderantes no quotidiano das sociedades nesta fase de plataformização, exige a elucidação das condições através das quais o capitalismo se produz e reproduz.

PALAVRAS-CHAVE

imaginários; apropriação; tecnologias; capitalismo; comunicação.

Introdução

Neste artigo propomos abordar a noção de imaginário e suas articulações com as tecnologias digitais no pensamento de Cornelius Castoriadis. Como argumenta Escobar Villegas (2000), os estudos teóricos sobre o imaginário vieram mais de disciplinas como a antropologia ou a sociologia, da história da arte e da literatura, da filosofia e da sociologia. O estado da questão é, portanto, multidisciplinar. Assim, a história do pensamento filosófico, tanto como o da sociologia e da psicanálise, é atravessada pela compreensão dessa dimensão que está na interseção entre o social e o individual

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Professora da Facultad de Ciencias de la Comunicación -Universidad Nacional de Córdoba (Argentina) e Faculdade de Comunicação-Universidade Federal da Bahia (Brasil). Email: susumorales@yahoo.com.ar

³ Professora da Faculdade de Comunicação-Universidade Federal da Bahia (Brasil). Email: graciela71@gmail.com

(VEDRIN, 1990), entre a vida e a imagem da vida (MORIN, 2001). Reconhecemos, portanto, as contribuições de Castoriadis para a produção da teoria sobre os componentes imaginários da sociedade, com a publicação em dois volumes, em 1975, de “A instituição imaginária da sociedade”. Portanto, estamos interessadas em apresentar suas contribuições para a compreensão do lugar das tecnologias, em particular as chamadas tecnologias da informação e comunicação (com a amplitude do que essa expressão representa), como significados sociais imaginários centrais no atual estágio do capitalismo.

Seguindo essa linha de pensamento, podemos supor que as tecnologias da informação e comunicação seriam a expressão objetivada de uma das mais importantes significações sociais do capitalismo contemporâneo: as tecnologias e a economia (o dinheiro) (Castoriadis, 1993). Desta forma, a ideia de conformação maquínica pode nos ajudar a desvendar as diferentes dimensões que se articulam nos objetos complexos, que são as chamadas TICs. Félix Guattari diz que a conformação maquínica

implica a consideração de múltiplos componentes: componentes materiais e energéticos; componentes semióticos diagramáticos e algorítmicos (planos, fórmulas, equações, cálculos que contribuem para a fabricação da máquina); componentes de órgãos, de influências, do humor do corpo humano; informações e representações mentais individuais e coletivas; investidas de máquinas desejantes que produzem uma subjetividade em adjacência a esses componentes; máquinas abstratas que se estabelecem transversalmente aos níveis maquínicos materiais, cognitivos, afetivos e sociais anteriormente considerados (GUATTARI, 1996, p.49)⁴.

Se pensarmos em um tipo específico de conformação maquínica, como as tecnologias digitais, o componente de software atua como uma máquina abstrata. Ou seja, mecanismos de busca, aplicativos (mapeamento, mensagens instantâneas, compartilhamento e manipulação de arquivos etc.), ferramentas de páginas da Web, ferramentas de troca comercial e plataformas que permitem a criação de novos softwares (iOS, Android, Windows, Linux) são invisíveis, mas onipresentes. O software e os algoritmos estão na base das máquinas objetivadas e as fazem funcionar, possibilitando/direcionando certos tipos de práticas sociais e formas de realizá-las, nos campos da economia, da cultura, da vida cotidiana e da política. Esse "software cultural", como denomina Manovich (2013) é estabelecido, produzido e articulado de forma transversal com os componentes materiais, energéticos, corporais, afetivos e cognitivos. A conformação maquínica pressupõe a existência dos dispositivos concretos

⁴ Todas as citações textuais do autor foram traduzidas pelas autoras, do espanhol.

e, mais ainda, envolve os componentes que ampliam os limites das máquinas, na medida em que estão associados a aspectos funcionais que incorporam a relação do e com o humano. Para Guattari, as produções da mídia de massa, da informática, da telemática, da robótica e das máquinas tecnológicas de informação e comunicação "operam no coração da subjetividade humana, tanto no fundo de suas memórias e de sua inteligência" mas também "em aspectos menos racionais, como sua sensibilidade, seus afetos e seus fantasmas inconscientes" (GUATTARI, 1996, p.14).

A preocupação com o imaginário faz parte da elaboração que temos feito em relação a uma série de ferramentas metodológicas que permitem a nós, que pesquisamos o campo dos usos sociais das tecnologias digitais, compreender os processos de apropriação dessas tecnologias de forma integral. É por isso que, há alguns anos, estamos propondo uma abordagem abrangente do assunto, que chamamos de abordagem paradigmática da apropriação de tecnologias (NATANSOHN, MORALES, da SILVA, 2022). Assim, uma primeira hipótese de trabalho que propomos envolve prestar atenção, além dos usos, a outras dimensões, como 1) desenvolvimentos técnicos; 2) condições de disponibilidade e acesso possibilitados pelas políticas públicas e estruturadas por marcos regulatórios que, em geral, refletem os processos consumados e instituídos pelo mercado; 3) os modelos de negócio que, juntamente com as políticas públicas e as estruturas regulatórias, fornecem inteligibilidade e direcionamento para as práticas de uso adotadas por instituições/empresas e indivíduos; 4) a estrutura econômica do setor de infocomunicação; 5) os significados e as ressignificações que os usuários dão às suas práticas, se a relação com as tecnologias e seu lugar na sociedade (em termos de uma crítica da vida cotidiana) foram elucidados por eles ou são significados "emprestados" dos imaginários que o mercado instala; 6) o componente imaginário da tecnologia (MORALES, 2017, SANDOVAL, 2019), na medida em que ela já é uma significação social imaginária (CASTORIADIS, 1993). Mas também, uma diversidade de aspectos/produtos tecnológicos podem ser sindicalizados como elementos associados à dimensão imaginária: softwares, inteligência artificial, big data, criptomoedas, realidade virtual, robótica, etc. (MANOVICH, 2013). Entendemos que o campo da produção de sentido se articula à questão dos imaginários de acordo com diferentes aspectos (MORALES, 2013) a saber: 1) o significado associado à experiência de uso do objeto; 2) o significado social com os quais os objetos tecnológicos são

investidos; 3) o significado atribuído aos discursos que circulam pelo complexo tecnologia; 4) o significado associado as narrações produzidas por indivíduos, grupos, organizações; 5) significação articulada com os algoritmos computacionais (e do software em geral). Por que a análise dos significados e imaginários sociais nos parece importante? Porque a sociedade (como a vivenciamos neste estágio do capitalismo) é mantida e reproduzida com base na conexão que nos mantém ligados às tecnologias, que é cada vez mais arbitrária (imaginária) e cada vez menos transparente. Pelo contrário, a única possibilidade de colocar um limite a tanto risco desenfreado é a elucidação coletiva desse vínculo. A construção de uma relação mais lúcida com as tecnologias resultaria em um avanço em direção às condições de autonomia generalizada que hoje nos faltam, com exceção dos grupos e organizações sociais que trabalham com base na resistência e na denúncia. Essas experiências de empoderamento, de ativismo digital, também buscam participar da tomada de decisões sobre o rumo que se está tomando, pois "se a democracia é o projeto e a possibilidade de determinação coletiva e livre do futuro, o controle social das decisões tecnológicas é um dos territórios onde se define essa possibilidade" (BRONCANO, 2000, p. 226)⁵.

Significados sociais imaginários no pensamento de Castoriadis

Segundo Escobar Villegas (2000), a partir dos anos 50, o estudo do imaginário constituiu uma pista fundamental para as ciências sociais. A legitimação da prática e da teoria psicanalítica contribuiu para uma valorização do termo que, por vezes, tinha sido utilizado de forma algo pejorativa quando ligado ao conhecimento do social. Embora a partir da psicanálise a expressão tenha referências mais centradas no indivíduo, houve um processo de transformação do ponto de vista gramatical que contribuiu para a sua legitimação no domínio do social. Assim, por um lado, uma "passagem de um adjetivo sempre pejorativo a um substantivo como objeto de estudo científico" (ESCOBAR VILLEGAS, 2000, p. 21)⁶, possibilitou que a palavra se tornasse uma noção potencialmente explicativa de certas dimensões do social. Assim,

o imaginário (mitos, lendas, ficções, utopias) foi durante muito tempo associado ao reino do fútil, do engano, das lucubrações. Foi então rejeitado em nome de uma

⁵ Todas as citações do autor têm tradução livre do espanhol.

⁶ Todas as citações do autor têm tradução livre do espanhol.

Razão triunfante. Agora, o imaginário está em todo o lado: na nossa alimentação, nos nossos amores, nas nossas viagens, na política, mas também na ciência, nos objectos técnicos. (Escobar Villegas, 2000, p. 30)

Por outro lado, começa a haver uma referência diferenciada à noção quando esta é utilizada no singular (o Imaginário) e quando é utilizada no plural (imaginários), remetendo assim para duas conceptualizações associadas ao individual e ao social, respetivamente.

No entanto, parece-nos importante aprofundar as conceptualizações do imaginário social, para que o uso que por vezes é feito do termo em relação à tecnologia digital possa tornar visível a sua especificidade e a riqueza das teorizações que contribuíram para a formação de um corpus analítico do social.

Daí o nosso interesse em recuperar o pensamento de Cornelius Castoriadis. No texto acima referido, "A Instituição Imaginária da Sociedade" (1975), o autor produziu e apresentou uma integração original entre o pensamento histórico-social e a psicanálise, a partir de uma reavaliação do marxismo, que gira em torno do lugar do imaginário e das significações imaginárias sociais na constituição das sociedades. Isto foi possível graças à sua formação multifacetada (para além de filósofo e economista, formou-se analista no início dos anos 70), mas também à sua militância como membro do Partido Comunista Francês.

Para Castoriadis, a sociedade e as instituições apresentam-se como uma rede simbólica que é sustentada por significados sociais imaginários, e deles retira a sua essência. Assim, encontramos:

- a) o Imaginário radical: capacidade humana de produzir imagens;
- b) o Imaginário efetivo: é o resultado dessa capacidade, é o conteúdo (significações imaginárias sociais);
- c) o simbólico: é a forma que o imaginário assume, como ele se expressa.

As significações imaginárias sociais representam, ao mesmo tempo, o motor que opera a produção e a organização de novos sistemas de significados e significantes e que, por sua vez, se exprime através deles, produzindo um determinado mundo caracterizado por representações, afectos e acções que lhe são específicos.

Por sua vez, os significados imaginários sociais não são redutíveis aos significados imaginários dos indivíduos, mesmo que a capacidade de os concretizar se situe primordialmente no psiquismo individual. São os indivíduos e as coisas que os

pré-identificam, as suas consequências situam-se no plano histórico-social e dão resposta às questões que os seres humanos se colocam em relação ao seu "estar juntos no mundo". Estes significados imaginários são criações colectivas, anónimas, arbitrárias e, na maior parte das vezes, não são conscientes para o sujeito.

Esta arbitrariedade baseia-se no fato de que as significações imaginárias sociais não participam completamente na determinação, não são previamente determinadas a partir de certas causas. No entanto, as significações imaginárias sociais constituem a referência para definir a identidade do sujeito, a articulação do seu grupo ou coletividade (a ordem social), o mundo e as suas relações com ele, as suas necessidades e os objectos encarregados de as satisfazer. Portanto, num certo sentido, são estruturantes para os sujeitos. Assim, o imaginário da sociedade ou da época considerada torna-se um fator estruturante original, um significante-significado central, a fonte do que é dado de cada vez como significado indiscutível e incontestado, o suporte das articulações e distinções entre o que importa e o que não importa, entre o que vale e o que não vale (no sentido económico mas também especulativo da palavra valor), entre o que deve e o que não deve ser feito. É o que permite "apreender de uma certa maneira prática, afectiva e mental o mundo total dado a esta sociedade, impor-lhe um sentido articulado, estabelecer distinções correlativas" (Castoriadis, 1993, p. 251-252)⁷. Nesta perspectiva, os significados sociais imaginários constituem-nos, e actuam como um significado organizador do comportamento humano e das relações sociais, independentemente da sua existência "para a consciência" do indivíduo.

Embora as significações sociais imaginárias não necessitem de ser explicitadas para existirem, a partir fundamentalmente do nascimento da filosofia grega elas são objeto de explicitação através da atividade pensante dos seres humanos, e podemos encontrá-las em corpos simbólicos sob os termos de ideologia, representações, paradigmas, visões do mundo, mitos, entre outros.

Ora, como se expressa e se inscreve no registo do simbólico, ou seja, onde podemos encontrar os significados sociais imaginários para, de alguma forma, termos acesso a eles?. Antes de mais nada, na linguagem e nas instituições, mas também na cultura e na arte (em sentido restrito), nas práticas culturais (em sentido lato) e, claro,

⁷ Todas as citações do autor têm tradução livre do espanhol.

nos discursos dos meios de comunicação de massas e das tecnologias digitais. Voltaremos a este último aspeto mais adiante.

Quais são os significados sociais imaginários da sociedade contemporânea? Há significações trans-históricas, como a ideia de Deus, e há também aquelas que dão sentido às sociedades históricas, como a sociedade capitalista.

Para este último caso, os significados centrais seriam: racionalidade (que se transforma em pseudo-racionalidade), economia; tecnologia.

Castoriadis diz sobre a tecnologia:

de mil pontos de vista, as máquinas, sobretudo consideradas em si mesmas, mas em todo o caso porque são lógica e efetivamente impossíveis fora do sistema tecnológico que elas próprias constituem, são "encarnação", "inscrição", presentificação e figuração dos significados essenciais do capitalismo. (Castoriadis, 1993, vol.2: 309-310).

Significados, imaginários e tecnologias digitais

As tecnologias digitais (e as diferentes componentes que permitem caracterizar a complexidade, bem como a ambiguidade/amplitude desta denominação), constituem a espinha dorsal que organiza a vida - económica, política, social, cultural - nesta fase do capitalismo ligada à plataforma digital.

É interessante abordar esta relação entre a digitalização da vida através das plataformas e a produção social de sentido (o modo como os imaginários se inscrevem no pensamento, no conhecimento, na afetividade e nas práticas humanas): que ideias, metáforas, imagens, ideologias são socialmente construídas sobre estas tecnologias? E também, que ideias, metáforas, imagens, ideologias as tornaram possíveis? E, mais ainda, que ideias, metáforas, imagens, ideologias estão na base da sua produção (tanto de hardware como de software)? Finalmente, que ideias, metáforas, imagens, ideologias são difundidas com a ajuda de aplicações, de Inteligências Artificiais, de "soluções", ou a partir da circulação discursiva que elas permitem?

Explorar estas questões abre portas importantes para analisarmos a profundidade dos processos que estamos a viver, mas também para reconhecermos a centralidade dos processos de elucidação de significados ligados às tecnologias digitais, que permitem o empoderamento, a autonomia e o uso crítico por parte de utilizadores e produtores.

Precisamente, compreender que o vínculo que os sujeitos têm com as tecnologias é atravessado pelo significado que as próprias pessoas atribuem aos objectos tecnológicos é um dos desafios para o estudo da apropriação tecnológica. Daí a necessidade de captar a produção de sentido em algumas das dimensões a ela associadas, a saber:

1. as experiências de uso do objeto em seu aspeto material (tanto hardware quanto software), ou seja, o que ele representa para as pessoas, as expectativas que as cercam, a afetividade (no sentido amplo do termo) que é desencadeada por essas experiências de uso.

2. os significados investidos nos objectos tecnológicos, principalmente legitimados e expandidos através das narrativas da publicidade.

3. o significado atribuído aos discursos que circulam pelo complexo tecno-mediático, produzidos pelas corporações tecnológicas e recebidos/ressignificados pelos utilizadores.

4. o significado associado não só aos discursos recebidos, mas também aos discursos produzidos por indivíduos, grupos, organizações, e que são expostos publicamente através das possibilidades oferecidas pelo complexo tecno-mediático.

5. a (dupla) significação que emana da colocação dos algoritmos computacionais (e do software em geral) a funcionar: por um lado, na fase da sua produção, onde se tornam evidentes os preconceitos e as virtudes humanas de quem produz a tecnologia. E, por outro lado, a significação "automática", através da aprendizagem das máquinas computacionais (onde se expressa também o que Finn (2018) chama de "arbitragem algorítmica"), que gera e instala discursos, narrativas, verdades, co-dependentes do trabalho humano, mas ao mesmo tempo autonomizados da intervenção humana direta. Um exemplo disto são certas aplicações de Inteligência Artificial como o ChatGPT.

Todos estes processos, onde estão em jogo a produção, reprodução e circulação de significados, estão ligados aos significados sociais imaginários centrais (ou imaginários sociais, para abreviar) das sociedades contemporâneas que, parafraseando Castoriadis, são: a racionalidade capitalista (proposta como "racionalidade") baseada na atividade económica que cria e utiliza tecnologias digitais para transformar o trabalho (e a vida) humano, bem como a exploração da natureza, em fontes de geração de valor (económico).

A emergência de um fenómeno recente que nos permite reconhecer os aspectos imaginários associados ao dinheiro e às tecnologias digitais, nomeadamente à programação, ao código e ao software, é muito representativa neste sentido: as criptomoedas.

Se a própria conceção de dinheiro pressupõe uma autonomização da representação (a moeda) da sua dimensão material (os outros objectos materiais em relação aos quais este objeto "dinheiro", seja qual for a sua forma, adquire valor de troca), então impõe-se uma relação imaginária que permite aceitar uma coisa (uma nota, um cheque, uma moeda, até o título de uma ação de uma empresa cotada na Bolsa de Nova Iorque) em vez de outra (todos os objectos que podem ser trocados com estes bens em dinheiro). Não parece ainda mais imaginária a relação entre uma criptomoeda e o valor que lhe é atribuído, dependente de um conjunto de expectativas motivadas pela confiança dos utilizadores num sistema informático que se retroalimenta de forma caprichosa, arbitrária e até aleatória, e por acaso com um custo energético desproporcionado em relação à crise das fontes de energia mundiais?

Todo o andaime de imaginários, significados e narrativas subsidiários em que se baseia a promessa do "solucionismo tecnológico" (Morozov, 2013) do capitalismo contemporâneo é então construído sobre estes significados imaginários centrais.

Software e algoritmos: um extremo da imaginação

As análises e estudos empíricos sobre as articulações entre imaginários e tecnologias têm despertado interesse nos últimos anos nos domínios da comunicação, da filosofia e da sociologia. Estes trabalhos podem ser agrupados de acordo com diferentes abordagens e não têm necessariamente uma concetualização comum da noção de imaginários, embora a associação com a ideia de tecnologias digitais, algoritmos, cibercultura, etc., esteja presente neles.

Em particular, o próprio conceito de algoritmo tornou-se um objeto de análise nos estudos sobre o imaginário, na medida em que nas narrativas (seja no marketing, no jornalismo, na ficção, nos discursos do quotidiano) incorpora-se a palavra "algoritmo" como um significante que, independentemente da sua definição técnica (que pouco importa), se tornou um significante vazio que parece explicar a relação entre os sujeitos

e as tecnologias digitais. Tornou-se um significante vazio que parece explicar a relação entre os sujeitos e as tecnologias digitais (Cabrera-Altieri e Angulo-Egea, 2020).

Se a tecnologia é um imaginário central da sociedade capitalista (designando o que é válido para esta sociedade e dando-lhe um fundamento), a ideia de código/ algoritmo exerce uma atração especial. É a ponta de um iceberg, ou o buraco da fechadura através do qual acreditamos poder descobrir segredos que nos são proibidos, mas que temos de conhecer se quisermos ser livres. O código

está a tornar-se a metáfora hegemónica dos dias de hoje, inspirando investigações quase semióticas no âmbito da prática cultural e artística (por exemplo, Matrix) ... tornou-se uma narrativa, um género, uma característica estrutural da sociedade contemporânea, uma arquitetura para as nossas sociedades tecnologicamente controladas ... é tanto metáfora como realidade (Berry e Moss, 2008, p. 57).⁸

O software, e a sua expressão mais básica, o código/ algoritmo, representam o imaginário tecnológico do presente e são um significante onde também projectamos imaginários sobre as tecnologias digitais em geral. Por outro lado, como temos vindo a dizer, induzem novos imaginários, articulam subjetividades, condensam expectativas e produzem efeitos sobre as práticas. Finalmente, tornou-se uma palavra-chave no uso quotidiano e as pessoas colocaram-lhe uma diversidade de expectativas e representações.

Por isso, atraiu a atenção de autores como Tarleton Gillespie (2014), Dominique Cardon (2015) ou Ed Finn (2017), que assinalaram a importância de uma reflexão crítica sobre o tema. Mais especificamente, têm inspirado trabalhos empíricos como os de Langlois (2013), Bucher (2017), Winqes (2022) e Guerra (2021), sobre o que tem sido designado por imaginários algorítmicos.

A noção de imaginários algorítmicos é definida por Bucher (2017) como as "formas de pensar sobre o que os algoritmos são, o que deveriam ser, como funcionam e o que estes imaginários, por sua vez, tornam possível" (p. 39)⁹. A autora argumenta ainda que, no caso que analisa (a relação de um grupo de pessoas com o algoritmo do Facebook), os algoritmos têm o poder de representar realidades materiais na medida em

⁸ Todas as citações dos autores têm tradução livre do inglês.

⁹ Todas as citações da autora têm tradução livre do inglês.

que moldam a vida das pessoas de diferentes formas e em diferentes graus. No entanto, também têm um aspeto produtivo, uma vez que "as formas como os algoritmos são experimentados e encontrados como parte da vida quotidiana tornam-se parte das 'relações de poder' que dão às pessoas uma 'razão para reagir'" (p. 42).

Todos os algoritmos são políticos

Embora ao longo deste texto tenhamos sugerido alguns pontos ou aspectos problemáticos no que diz respeito às ligações entre imaginários e software/código/algoritmos que poderiam tornar-se eixos de estudo ou de análise política por parte da investigação social, gostaríamos de recuperar um ponto feito por Gillespie em 2014, que nos parece ainda relevante. O autor destaca seis dimensões dos algoritmos que recolhem informações sobre os utilizadores das plataformas, que, do seu ponto de vista, têm relevância pública e, portanto, política:

1. Padrões de inclusão: diz respeito ao que é incluído e ao que é excluído aquando da preparação de um algoritmo e da base de dados associada a esse algoritmo. Ou seja, como os dados são preparados para o algoritmo.
2. Ciclos de antecipação: parte-se do princípio de que as informações fornecidas pelos algoritmos sobre os utilizadores individuais, que representam gostos, preferências e até tendências psicofisiológicas e, por conseguinte, o que a Web oferece sempre que um utilizador navega na Web, estão de acordo com as suas próprias expectativas. No entanto, para além das questões de privacidade, pode implicar que muitos comportamentos sejam induzidos e não antecipados, na medida em que "os hábitos perceptivos ou interpretativos de alguns utilizadores são tidos como universais, os hábitos contemporâneos são imaginados como intemporais, certos objectivos computacionais são assumidos como evidentes" (2014, p. 34)¹⁰.
3. A avaliação da relevância: refere-se ao facto de os algoritmos serem orientados por critérios que determinam o que é relevante, mas esses critérios estão ocultos. Além disso, geralmente assumimos que os critérios são normalmente económicos, mas, no

¹⁰ Todas as citações do autor têm tradução livre do inglês.

fundo, estão sempre em jogo decisões políticas sobre o conhecimento "relevante" mais adequado e legítimo que deve permanecer na Web.

4. A promessa de objetividade algorítmica: esta promessa de imparcialidade é sustentada pela natureza técnica com que o algoritmo é apresentado, quando os enviesamentos deliberados (ou não) estão presentes a todo o momento.

5. Envolvimentos com a prática: esta dimensão refere-se à forma como os utilizadores reconfiguram as suas práticas para se adaptarem aos algoritmos com que interagem e, nesse processo, desafiam por vezes a política do próprio algoritmo (por exemplo, com tentativas de "enganar" o algoritmo).

6. A produção de audiências calculadas: existe uma construção algorítmica de audiências que se assume partilharem características. A representação destes grupos (por exemplo, quando o algoritmo oferece o consumo ou a informação consumida por outros que fariam parte desse grupo no estilo "outros utilizadores viram xxx produtos", independentemente de estes dados serem exactos ou simplesmente inventados pelo algoritmo) condiciona o sentido que o público tem de si próprio. E, claro, influencia o seu comportamento.

Conclusões

Gostaríamos de terminar este artigo sublinhando os argumentos com que começámos, no sentido da importância de reconhecer os aspectos imaginários (portanto ideológicos, portanto políticos) das tecnologias. Os imaginários, e em particular os imaginários sobre as tecnologias (um dos pilares sobre os quais assenta o capitalismo) são construções humanas e podem ser alterados desde que sejam elucidados, reconhecidos nas suas implicações sociais e individuais. É por isso que nunca deixámos de insistir na ideia de que os processos de reflexividade devem estar na base das apropriações tecnológicas por parte de qualquer pessoa ou grupo que queira (ou precise, ou se sinta obrigado) a incorporar as tecnologias digitais nas suas actividades, e não apenas daqueles que estudam as tecnologias. É claro que a responsabilidade dos que produzem ciência e tecnologia não é negligenciável, muito pelo contrário. O seu contributo para o desenvolvimento de imaginários sociotécnicos, definidos como formas coletivamente imaginadas de vida e de ordem social, reflectidas na concepção e

realização de projectos tecnológicos nacionais (Jasanoff e Kim, 2009), está sempre no horizonte. Mas a extensão, a aceleração, a profundidade e a opacidade da gestão digital da vida quotidiana são tão grandes que a consciencialização das pessoas "comuns" sobre os bastidores das tecnologias se torna um imperativo político urgente.

REFERÊNCIAS

- BERRY, David, y MOSS, Giles. **Libre culture: meditations on free culture** (Version 1). University of Sussex. 2008. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10779/uos.23398100.v1>. Acesso em: 10 agosto 2023.
- BUCHER, Taina. The algorithmic imaginary: exploring the ordinary affects of Facebook algorithms, **Information, Communication & Society**, 20:1, p. 30-44, 2017.
- BRONCANO, Fernando. **Mundos artificiales**. Filosofia del cambio tecnológico. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- CARDON, Dominique. **A quoi rêvent les algorithmes**: Nos vies à l'heure des big data. Paris: Seuil, 2000
- CASTORIADIS, Cornelius. **La institución imaginaria de la sociedad**. Buenos Aires: Tusquets, 1993.
- ESCOBAR VILLEGAS, Juan Camilo. **Lo Imaginario**. Entre las ciencias sociales y la historia. Medellín: Fondo Editorial Universidad EAFIT, 2000. Disponível em <https://repository.eafit.edu.co/handle/10784/73>. Acesso em: 29 maio 2023.
- FINN, Ed. **What Algorithms Want**. Imagination in the Age of Computing. London, England, The MIT Press, 2017.
- GILLESPIE, Tarleton; BOCZKOWSKI, Pablo; FOOT, Kirsten. (ed.) **Media Technologies**. Essays on Communication, materiality and society. The MIT Press, 2014.
- GIROLA, Lidia. (Coord.). **Teorías y metodologías**. Indagaciones y propuestas para el estudio de representaciones e imaginarios sociales. UPAEP-USC, 2023.
- GUATTARI, Félix. **Caosmosis**. Buenos Aires: Manantial, 1996.
- GUERRA, Ana. Infraestruturas, narrativas e imaginários algorítmicos: tecnografando o preço dinâmico da Uber. 2021. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/39461>. Acesso em: 10 agosto 2023.
- JASANOFF, Sheila.; KIM, Sang-Hyun. Containing the Atom: Sociotechnical Imaginaries and Nuclear Power in the United States and South Korea. **Minerva** Vol. 47, No. 2 (June 2009), p. 119-146.

JASANOFF, Sheila.; KIM, Sang-Hyun. **Dreamscapes of Modernity: Sociotechnical Imaginaries and the Fabrication of Power**. Chicago: University of Chicago Press, 2015.

LANGLOIS, Ganaele. Participatory Culture and the New Governance of Communication. **Television & New Media**, 14, p. 105 - 91, 2013.

MANOVICH, Lev. **El software toma el mando**. Barcelona: UOC (Universitat Oberta de Catalunya), 2013.

MORALES, Susana. La apropiación de TIC, una perspectiva. In MORALES Susana y LOYOLA, María Inés (Comp.). *Los jóvenes y las TIC*. Córdoba: Edic. de las autoras, 2009, pp. 97-118.

MORALES, Susana. Imaginación y software: aportes para la construcción del paradigma de la apropiación. In CABELLO, Roxana y LOPEZ; Adrián. (Eds.). *Contribuciones al estudio de procesos de apropiación de tecnologías*. Rada Tilly: Ediciones del Gato Gris / Red de Investigadores sobre Apropiación de Tecnologías, 2017, pp. 39-42.

MORALES, Susana y LOYOLA, María Inés (Comp.). **Nuevas perspectivas en comunicación**. La apropiación tecno-mediática. Buenos Aires: ImagoMundi, 2013.

MORIN, Edgar. **El cine o el hombre imaginario**. Barcelona: Paidós, 2001.

NATANSOHN, Graciela; MORALES, Susana; da SILVA FERREIRA, Sergio. Colonialismo de dados e apropriação das tecnologias digitais: articulações e propostas a partir de uma perspectiva feminista. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos** 24(3):21-34 setembro/desembro 2022 Unisinos – Disponível em <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/25698/60749404>. Acesso em: 2 agosto 2023.

SANDOVAL, Luis. (2019) La apropiación de tecnologías en América Latina: una genealogía conceptual. **Virtualis**, 10 (19) , p. 1-19, 2019. Disponível em <https://www.revistavirtualis.mx/index.php/virtualis/article/view/296>. Acesso em: 23 maio 2023.

WINQUES, Kérley. Imaginários algorítmicos: reflexões a partir de um estudo de recepção de matriz sociocultural. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos** 24(2): 2-13 maio/agosto 2022 Unisinos. Disponível em <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/24655/60749158>. Acesso em: 2 agosto 2023.

VÉDRINE, Hélène. **Lês Grandes Conceptions de l’Imaginaire**. Paris: Livre de Poche, 1990.